

SÓ FALTOU A LEGIÃO

Capital Inicial e Plebe Rude, duas das três bandas mais importantes do rock-Brasília dos anos 80, voltam a fazer shows com a formação original

Mila Petrillo 11.03.1986



André Mueller, Jander Bilaphra, Philippe Seabra e Gutje Woorthman em 1986, um ano depois do lançamento do primeiro disco, na verdade um mini-LP chamado O Concreto Já Rachou: a Plebe Rude está de volta aos palcos

Bernardo Scartezini
Da equipe do **Correio**

A GONIZA, MAS NÃO MORRE. COMO O SAMBA DE NELSON SARGENTO, O ROCK DE BRASÍLIA DOS ANOS 80 NÃO DESAPARECE. JÁ CONSTA DOS LIVROS DE HISTÓRIA QUE O ROCK CANDANGO NASCEU PARA O BRASIL COM O TRIO LEGIÃO URBANA-PELEBE RUDE-CAPITAL INICIAL.

Se a banda de Renato Russo se desmilingüiu após sua morte, em novembro de 1996, a semana passada trouxe o cantor Dinho Ouro Preto de volta ao Capital e o anúncio do retorno da Plebe Rude, após quatro anos de tática dissolução, para fazer shows — e, por enquanto, apenas isso.

Depois de debandar, em setembro de 1993, Dinho só manteve contato com o guitarrista Loro Jones. Separou-se dos irmãos Fê (bateria) e Flávio (Lemos). Mas em setembro do ano do passado, exatos quatro anos desde sua saída, Dinho e os ex-colegas discutiram pela primeira vez a retomada da parceria.

“Foi algo mútuo, que estava no ar. Depois da morte do Renato, todo mundo ficou meio nostálgico, com as emoções à flor da pele. Entramos no espírito certo para esta volta”, conta Dinho, em entrevista por telefone ao **Correio Dois**, de São Paulo.

Além disso, o Capital Inicial percebeu que ainda fazia sentido, 16 anos depois de sua formação. A coletânea *O Melhor do Capital*, lançada sem di-

vulgação (“na miúda”) há dois anos pela PolyGram, já é quase disco de ouro (100 mil cópias vendidas).

“E tem o momento histórico, são mais de 15 anos de Capital, 20 anos de nossa turma em Brasília... Um ligou para o outro, o outro para mais um, nem sei com quem começou a idéia da volta, mas pegou fogo”, diz Dinho, que está com 33 anos. Por “nossa turma”, entenda-se os punks brasilienses safra 1978: Aborto Elétrico, Blitz 64, Dado E O Reino Animal, os Paralamas antes da moto do Vital...

Dinho largou o grupo por estafa: “Estávamos juntos há dez anos e eu queria tentar fazer outras coisas. É uma banda de rock não é simples, é tudo muito intenso”. Então, gravou um disco com a banda Vertigo e o solo *Dinho Ouro Preto* (ambos pela Rock It!, do amigo Dado Villa-Lobos). Ambos sem sucesso.

“E o pior é que a soma do que os dois venderam dá dez por cento do que vendeu o disco de menos sucesso do Capital”, ri Dinho, que atribui a baixa vendagem à duas razões: o selo, independente, e o caráter menos “comercial e óbvio” das faixas.

Enquanto Dinho tentava a carreira solo, Philippe Seabra fazia o mesmo, nos Estados Unidos. André Mueller, também estava com carreira nova, no Banco do Brasil. Jander Bilaphra se exilou em Mendes (interior do Rio de Janeiro) e Gutje Woorthman virou publicitário.

Mas uma caixinha de CDs balançou o estado letárgico das coisas. A Emi relançou, pela série Portfolio, *O Concreto Já Rachou* (1985), *Nunca Fomos tão Brasileiros* (1987) e *Plebe Rude* (1988), os três discos que Philippe, André X, Jander Ameba e Gutje lançaram juntos. As três mil cópias da caixa estão esgotadas. Nem André conseguiu a sua. E os rudes plebeus viram que era o momento ideal para voltar à ativa. Nem que seja só para

Luiz Hora Acioli 17.08.1986



Depois de cinco anos, Dinho Ouro Preto (C) volta a cantar no Capital Inicial: “O risco é viver de passado”, reconhece

uma série de shows, ainda sem data, mas que deve começar em março. Philippe até já comprou a passagem de volta para o Brasil.

“A idéia surgiu entre o Philippe e o Gutje. E achei ótima. É bom poder tocar com eles novamente, agora sem as pressões de ter que fazer divulgação, promover discos”, se anima André, 35 anos, (ex-)baixista da Plebe.

Mas ele não tem ambição (*grana-fama-e-você*). “Vamos tocar para a galera antiga, que ia pro show com lolô. E vai ter aquele cheiro de naftalina”, faz graça. “Vamos tocar sem pretensão de trazer a banda de volta. E sem a prepotência comum aos conjuntos que retornam, sem o papo de ‘vejam

só como é que se faz’. Nós somos dinossauros. E extintos”, decreta.

“Essa geração atual está mais ativa e divertida que a nossa. Tem gente que chega para mim falando que eram bons aqueles tempos. Que nada, eles estão é desligados. A música de hoje, a eletrônica principalmente, possibilita mais coisas. Dão de dez na gente”, acredita o dinossauro, sem saudosismo, fã de Low Dream e dos DJs brasilienses. André Mueller pensa em um disco solo, mais para frente. Está até montando um mini-estúdio com equipamentos eletrônicos, “mas está muito longe”. Até por isso não acredita em um novo álbum de material original da Plebe. “Cada

um foi para um lado diferente. Estamos em outras praias, outras profissões”, afasta os sonhos dos fãs.

Mueller gostaria de reencontrar nos shows a “turma da Colina”. Pretende chamar para *canjas* os amigos ex-Escola de Escândalo e ex-Legião. E, claro, Herbert Vianna (*Vou mudar meu nome para Herbert Vianna!*), produtor de *O Concreto Já Rachou* e brasiliense honorário que abriu as portas da Emi para a Plebe e a Legião. “Os shows vão servir para prolongar minha adolescência. E para voltar a tocar com tesão.” Com tanto tesão assim, um disco ao vivo não seria ruim. “Queria gravá-lo. Seria como um registro desse momento”, acredita.

GRANA, FAMA E SAUDADE

O vocalista Jander Bilaphra, 31 anos, não esconde por que está retornando para a Plebe, de onde “foi saído” em 1990, depois de um telefonema de Seabra. “Estou voltando para ganhar dinheiro, com certeza. É o momento comercial que nos trouxe de volta. É uma jogada comercial. Por mim tocava dez shows ou um ano ou dez anos, se pagassem. Pode até ser contra o que a Plebe já cantou, mas quero viver de música”, admite, por telefone, de sua casa no interior do Rio.

O Ameba, atualmente trabalhando como *roadie* de Fernanda Abreu, está mais interessado em equipar seu estúdio em Mendes, onde faz músicas “no estilo Karnak” e produz o Atrito, banda de seu irmão Jullian, nove anos mais moço, baterista. “Não estou a fim de continuar com a Plebe”, fecha questão.

Mas Jander amolece e admite se orgulhar da antiga banda: “O trabalho tem uma assinatura, por mais que certas coisas sejam ingênuas. São temas atuais. E era um trabalho de grupo, tanto que depois que eu saí não deu mais certo. Foi minha universidade. Foi o que fiz na minha vida”.

Dinho Ouro Preto também se lembra do Capital Inicial com a mesma força. “Dos 19 aos 29 a banda era tudo na minha vida. Até hoje chegam para mim e perguntam ‘Você não é o Dinho do Capital?’ Bem, do Capital virou meu sobrenome”, ri. Dinho diz que sabe o risco de voltar com a formação original do Capital. “O risco é viver de passado. Temos que nos superar e honrar o que já fizemos. Não sei como vão ser as novas canções, mas tenho que tentar. Afinal, estou só com 33 anos e não 50!”